

MARCAS DE ÁGUA NO ARQUIVO DA IGREJA DOS ITALIANOS DE LISBOA (SÉCS. XVI-XVII): UM PROJECTO FINANCIADO PELA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Nunziatella Alessandrini

CHAM – FCSH / NOVA – UAc

Bolseira de Pós-Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia/Ministério da Educação e Ciência)

lella.45@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo visa apresentar o projecto, ainda em curso, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian que contribuiu para o levantamento, descrição e classificação das marcas de água nos documentos dos séculos XVI e XVII do acervo arquivístico da Igreja de Nossa Senhora do Loreto da Nação Italiana de Lisboa. Ao longo do texto esboçar-se-á a história da Igreja do Loreto e da comunidade italiana em Lisboa nos séculos XVI-XVII e referir-se-á a recente reabilitação do dito arquivo também financiada pela mesma Fundação.

PALAVRAS CHAVE

Marcas de água – Arquivo Loreto – Mercadores Italianos – Lisboa – Gulbenkian

ABSTRACT

This contribution is intended to present the ongoing project funded by the Calouste Gulbenkian Foundation (FCG) which concerns the inventory, description and classification of watermarks presents in the documents of the 16th and 17th centuries of the documental collection of the Church of *Nossa Senhora do Loreto* of the Italian Nation from Lisbon. The history both of the Church of Loreto and the Italian community in Lisbon from the sixteenth to the seventeenth centuries will be sketched. As well it will be mention the recent rehabilitation of the referred archive, also funded by the same Foundation.

KEYWORDS

Watermarks – Loreto Archive – Italian Merchants – Lisbon - Gulbenkian

1. A Igreja dos Italianos e o seu arquivo: breves apontamentos

O arquivo da Igreja de Nossa Senhora do Loreto de Lisboa, igreja dos Italianos, constitui um importante e quase inédito repositório da memória do percurso lisboeta de mercadores, artistas, viajantes, literatos, diplomatas que, a partir das primeiras décadas de Quinhentos, se deslocaram, pelos mais variados motivos, para o reino de Portugal. Fundada em 1518, de facto, a Igreja do Loreto, tinha, nas intenções dos seus instituidores, o objectivo de se tornar pólo aglutinador da comunidade italiana residente em Lisboa constituída, nessa altura, por elementos vindos das diferentes cidades-estado que compunham a Península Itálica. Até à união de Itália ocorrida em 1861, com verdade, o termo “italiano” não reflectia plenamente a essência da Península Italiana, uma vez que esta era uma realidade complexa cujas dinâmicas identitárias mantinham uma certa fluidez dos limites supostamente impostos pela dimensão geográfica e, em termos mais abrangentes, pelas diferentes referências culturais. Apesar de a ideia de “Itália”, enquanto construção unitária, não ser de todo alheia ao pensamento coevo – recordamos, a título de exemplo, a obra de Guicciardini *Storia d'Italia* escrita entre 1537 e 1540 – foi, todavia, fora de Itália que a identidade italiana foi sendo desenhada. Com efeito, a percepção de uma identidade “italiana” unitária era construída pelas elites dos vários governos, onde estes grupos de estrangeiros, frequentemente, organizados em “nações” (de genoveses, de florentinos, de venezianos, de milaneses, etc.), iam sendo agrupados sob a denominação de Italianos. No caso de Lisboa, em finais do século XV, encontrava-se bem radicado um grupo bastante consistente de “italianos” provenientes de Florença, Génova, Piacenza, Cremona e Veneza, que, em consequência da expansão atlântica e oriental, procuravam alargar os seus horizontes comerciais. Ao longo dos séculos XVI e XVII – balizas temporais do presente texto – e por razões que não cabe agora aqui desenvolver, assiste-se a uma alternância da proeminência de uma ou de outra “nação” quer ao nível económico, quer social. Assim, se a primeira metade do século XVI podia contar com uma importante presença de famílias e companhias comerciais florentinas – embora não fosse despicienda a presença de genoveses ligados, principalmente, ao comércio com as ilhas atlânticas –, a partir do último quartel do século XVI, podemos constatar, com uma certa dose de segurança, uma alteração, revelando-se a proeminência de mercadores genoveses que se mantém ao longo de todo o século XVII.

Após a Restauração (1640), os ricos mercadores genoveses, cujo percurso está documentado nos papéis antigos do arquivo do Loreto, tornaram-se administradores da Igreja dos Italianos durante cerca de meio século, ocupando os cargos de Provedor, Mordomo e Escrivão.

Parte da documentação do arquivo respeitante ao século XVI desapareceu devido a acontecimentos que prejudicaram de maneira directa ou indirecta a vivência da Igreja do Loreto e da sua comunidade: o saque de 1580 que esvaziou as casas de ricos mercadores italianos que moravam em Alcântara e que costumavam levar para casa os livros de contabilidade e documentos da igreja ou o incêndio de 1651 que queimou alguma documentação – entre a qual os compromissos originais da Confraria. É bom

recordar que o terramoto de 1755 não danificou a igreja “che per la sua magnifica costruzione, non pati altro danno”¹, mas foi o fogo que deflagrou a seguir que a destruiu poupando, no entanto, o arquivo.

A Igreja dos Italianos passou por várias vicissitudes desde a sua edificação, sendo que o valioso e em bom estado de conservação acervo documental que se mantém no seu arquivo há 500 anos, é demonstração do cuidado com que os oficiais da Irmandade tratavam dos assuntos espirituais e comerciais da sua Igreja.

Embora não conheçamos os nomes dos mercadores italianos que no findar da segunda década de Quinhentos resolveram comprar um terreno e doá-lo a S. João em Latrão pedindo em contrapartida os privilégios devidos às igrejas anexas ao Capítulo Lateranense, podemos, com alguma segurança, identificá-los com os homens de negócio que residiam em Lisboa nessa altura e cujos descendentes surgem na documentação posterior da igreja. A agregação a S. João em Latrão ocorreu em 8 de Abril de 1518 e a Bula de privilégios concedida pelo Papa Leão X data de 20 de Abril do mesmo ano. Estas datas permitem-nos balizar os estudos sobre a comunidade italiana em Lisboa deste período, individualizando as famílias que tiveram um importante papel nesta proposta inicial. Assim, o rico mercador florentino Luca Girdali foi, sem dúvida, um dos principais actores desta iniciativa, bem como as famílias florentinas dos de Bardi e dos Morelli, a família cremonense dos Boccolli, e as famílias genovesas dos Lomellini, Centurione, Calvo, Imperiale e Cattaneo que terão fornecido apoio relevante a esta intenção.

O terreno adquirido pelos mercadores italianos encontrava-se fora da muralha fernandina que, na altura, delimitava a cidade de Lisboa, e situava-se na proximidade das portas de Santa Catarina. Aqui, segundo um documento existente no arquivo da igreja, de cerca de um século posterior à fundação da mesma, a Nação Italiana possuía uma pequena capela que doou a S. João em Latrão pedindo licença para construir uma igreja sob invocação de Nossa Senhora do Loreto.² As razões para a escolha da evocação de Nossa Senhora do Loreto para a Igreja da Nação Italiana, remete, por um lado, para a importância que esse santuário, situado na região italiana das Marcas, tinha alcançado enquanto símbolo da cristandade, “centro religioso della penisola in cui si siano riconosciuti, e si riconoscano al tempo stesso i Savoia e i Borbone, i lombardi e i siciliani”.³ Por outro lado, a lenda que envolvia a própria criação do santuário terá tido um papel determinante relacionado com a escolha do estatuto jurídico que os mercadores italianos queriam para a sua igreja. Segundo a lenda, a Santa Casa que viria a ser o santuário teria sido levada, entre Nazaré na Galileia e Loreto na Península Itálica, pelos anjos no céu, espaço que só podia pertencer à Santa Sé. Assim a Igreja dos Italianos erigida em Lisboa

1 Arquivo de Nossa Senhora do Loreto (doravante ANSL), *Livro das Actas das Sessões da Junta*, 2º, fl. 1

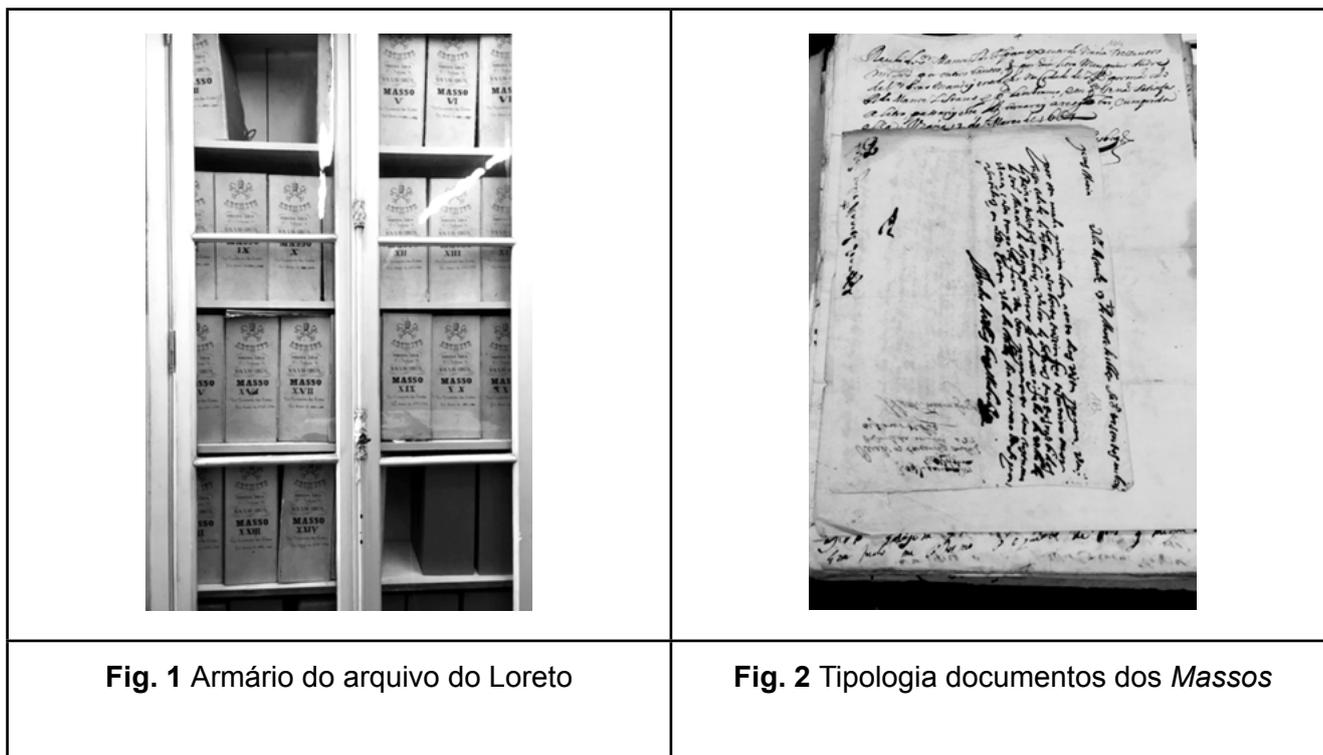
2 ANSL, *Caixa VIII – Corrispondenza*, doc. 65.

3 Lucetta Scaraffia, *Loreto*, Bologna, Il Mulino, 1998, p. 9

estaria directamente dependente da Santa Sé e fora da jurisdição portuguesa.⁴ Outras motivações ligadas a aspectos de cariz não propriamente espiritual não devem, porém, ser subestimados. De facto, desde a sua origem a *Chiesa della Nazione Italiana*, a Igreja de Loreto, era lugar de encontro dos ricos mercadores que, três séculos antes da união de Itália, tiveram consciência que superar as diatribes internas na sua terra podia constituir uma mais-valia para o êxito das suas actividades comerciais. Não era, de facto, casoraro, a constituição de companhias comerciais entre membros de diferentes nações. Deve-se igualmente destacar que, ao longo dos séculos, a Igreja do Loreto foi sustentada pelos próprios mercadores italianos que devolviam, em prol da Igreja, uma taxa sobre as suas transacções comerciais. Lê-se, de facto, nos estatutos, que sobre qualquer movimentação de compra ou venda, os mercadores eram obrigados a entregar à Igreja do Loreto ¼ de ducado de cada 100 ducados. Esta quantia aumentou para meio ducado de cada 100 ducados após o incêndio de 1651, quando as obras de reconstrução exigiam somas mais avultadas. Ainda assim, não foram apenas os citados impostos que ajudaram a Igreja no seu caminho secular, já que muitos foram os benfeitores que lhe deixaram o seu património como legado.

Antes da sua actual instalação, o arquivo encontrava-se, até 1897, na sala chamada “do despacho” que se situava no 1º andar da igreja, exactamente por cima do espaço da sacristia. Razões ligadas a obras na Igreja determinaram que a dita sala deveria ter outra utilização e o arquivo foi transportado para a sala onde ainda hoje se encontra. Actualmente, a documentação do arquivo encontra-se recolhida em 4 armários com estantes de madeira e portas de vidro. Os papéis estão fechados em 28 caixas de madeira identificadas com números (de I até XXIII) e letras (de A até E) e 25 Maços (Massos na grafia original) com milhares de documentos avulsos, principalmente fólio e bifólios, que abrangem os anos de 1619 até 1834.

4 Cf. Nunziatella Alessandrini, “A alma italiana no coração de Lisboa: A Igreja de Nossa Senhora do Loreto”, in *Estudos Italianos em Portugal*, 2007, n. 2, p. 167



O manancial documental que constitui o arquivo do Loreto foi produzido pela Confraria do Santíssimo Sacramento que incluía todos os Italianos residentes em Lisboa. A administração cabia a uma Junta composta pelo Provedor, Mordomo, Escrivão e Tesoureiro. Estes oficiais eram eleitos por uma assembleia de doze votantes escolhidos entre os mais ricos e importantes da comunidade e a vida da Confraria era regulamentada através de estatutos. Embora os estatutos originais tenham desaparecido no incêndio de 1651, temos conhecimento do seu teor pela reconstrução que deles foi feita em 1668 pelo então Provedor Francesco André Carrega.

A tipologia dos documentos que compõem o arquivo, abrangendo um período que vai do século XVI até ao século XX, é muito variada: documentos sobre a história da igreja, inventários de bens pertencentes à Igreja, bulas e breves pontificias, compra e venda de bens imóveis, devedores, correspondência, contas, despesas, etc. Para além da documentação avulsa, uma rica colecção de livros manuscritos enriquece o arquivo, acerca de 300 volumes que recolhem dados de importância inestimável quer sobre a história da igreja do Loreto e da passagem de italianos em Lisboa, quer sobre a história de Portugal. A título de exemplo, mencionamos os 6 volumes das *Actas das Sessões da Junta* que contêm as relações detalhadas das reuniões da Junta (de 1651 até 1944 mas com notícias resumidas do período anterior) e constituem um manancial informativo abundante e preciso sobre as questões e os eventos mais significativos que assinalaram o percurso da Igreja nas suas relações com a comunidade italiana em Lisboa e com as instituições portuguesas. Os volumes dos registos paroquiais representam uma riqueza inestimável para os investigadores: registos de baptismos (7 volumes de 1749 até 1952); registos de óbitos (3 volumes de 1679 até 1973); registos de matrimónios (1 volume, de 1809 até 1952). A estes, devem-se acrescentar os 7 volumes dos *Rol dos Confessados* (de 1724 até 1883) que reportam os nomes de todos os italianos que se vinham desobrigar do preceito pascal.

As compras e vendas, as esmolas e as contas estão registadas nos livros de contabilidades a partida dobrada, com entradas e saídas, e se encontram em *ótimo* estado de conservação. Os 3 volumes de copiador de cartas (Março 1663 até Janeiro 1919) remetem-nos para a correspondência enviada e recebida pela mesa do Loreto, documentando as relações que a igreja mantinha com os italianos na mãe-pátria mas não só, fornecendo, também, entre outras notícias, informações importantes sobre a vinda de materiais italianos para as obras da Igreja. Para além destes livros, que os oficiais da igreja mantinham actualizados com uma precisão notável, existem outros volumes manuscritos produzidos, *sua sponte*, pelos oficiais mais rigorosos. Menciono apenas o precioso volume que o então revisor de contas Benedetto Gnecco redigiu, em 1795, e ofereceu à Igreja do Loreto. Composto por 8 relações, este volume apresenta alguns dos momentos mais importantes da igreja desde o século XVII até 1795, debruçando-se sobre os legados deixados pelos mais ricos comerciantes falecidos em finais do século XVII, assim como sobre as casas de propriedade da igreja. Importa também destacar a relação sobre o estado do arquivo, na qual Gnecco dá conhecimento dos livros que não se encontravam fisicamente no espaço da igreja, após conferir o inventário mais recente.

É, este, o último inventário que temos até chegar ao ano de 1983, quando o Padre Sergio Filippi produziu um inventário no qual descrevia, ao nível do documento, o conteúdo das 28 caixas de madeira. O inventário era, manifestamente, uma preciosa ajuda para o investigador se poder orientar no fundo documental do arquivo e, sobretudo, respeitava a organização original do manancial documental produzido pela Confraria. Em 2000, todavia, esta ordem foi alterada por uma investigadora italiana que resolveu mexer nos papéis das 28 caixas e organizar doutra maneira, com critérios aleatórios, a documentação nelas existentes. Não tendo deixado o novo inventário, tivemos de proceder a uma nova catalogação, tendo sempre em conta as referências antigas do inventário de Padre Filippi.

2. Projecto de Recuperação, Tratamento e Organização do Arquivo da Igreja do Loreto

Em 2014, no âmbito do concurso aberto pela Fundação Calouste Gulbenkian, *Recuperação, Tratamento e Organização de Acervos Documentais*, apresentámos um projecto para inventariar, catalogar toda a documentação do arquivo e digitalizar os documentos mais antigos de modo a preservá-los e, ao mesmo tempo, disponibilizá-los aos estudiosos. Numa fase prévia ao início do projecto propriamente dito, foram necessárias tarefas de limpeza do mobiliário e acondicionamento da documentação que foi retirada dos armários. Procedeu-se à higienização da documentação utilizando equipamento apropriado para este trabalho. Removeram-se as peças metálicas que, quando necessário, foram substituídas por clips plastificadas. Toda a documentação avulsa que se encontrava em pastas de cartão com ferragens foi acondicionada em caixas de arquivo *acid-free*. A documentação avulsa nas caixas de madeira, que se apresentava em bom estado de conservação, foi acondicionada em capilhas *acid-free* e mantida nas mesmas caixas de madeira.

Durante os trabalhos de limpeza e reacondicionamento foram encontrados livros e documentos que se encontravam arrumados num armário de madeira na mesma sala do prédio da Igreja onde se situa o restante acervo arquivístico. O espólio era constituído por livros e pautas de música do século XVII e por documentação de arquivo em maços referente a ofertas de missas dos séculos XIX e XX.

Foi redigido um inventário com descrição pormenorizada ao nível do documento. O inventário foi organizado em 2 Fundos, 11 Secções e 53 Séries e foi efectuada a catalogação dos livros de música contando com uma especialista em paleografia musical.

No intuito de preservar o manuseio e disponibilizar à comunidade a documentação mais antiga, procedeu-se à digitalização dos testemunhos mais antigos. Deste esforço resultaram 25.614 imagens correspondentes a todos os documentos dos séculos XVI-XVII, incluindo também os do século XVIII que se apresentavam em muito mau estado de conservação. Optou-se também para digitalizar o *Te Deum* de António Teixeira, peça manuscrita e original, datada de 1734. As imagens digitalizadas foram descritas e introduzidas em sistema informático com a instalação do software open source ICA AtoM. Foi preparada uma interface de acesso ao Ica Atom na qual vem apresentado o projecto, a equipa, o arquivo, a Igreja, os contactos e um *link* de acesso à documentação digitalizada.⁵

Este trabalho de inventariação, conservação e disponibilização dos documentos avulsos do arquivo do Loreto, permitiu perceber que as folhas apresentavam um conjunto bem consistente de marcas de água, algumas das quais muito bem visíveis. Tendo tido o prazer de conhecer Henrique Tavares e Castro, em 2015, aquando da realização de um colóquio na Biblioteca Nacional de Lisboa no qual apresentei uma comunicação sobre a actividade comercial dos mercadores italianos em Lisboa e me referi ao manancial documental do arquivo do Loreto, fui interpelada por aquele investigador que me perguntou se, no arquivo do Loreto, existiam documentos que atestassem o comércio de papel e/ou de livros e se, alguma vez, tinha reparado em marcas de água nessa documentação. Foi desse encontro que começámos a delinear a proposta de investigação apresentada à Fundação Calouste Gulbenkian.

⁵ Deixamos aqui o link de consulta do inventário e do projecto em geral, inclusive a documentação digitalizada <http://www.fcsh.unl.pt/arquivoloreto/default.html>

3. Marcas de água no acervo documental do Loreto

O estudo de marcas de água, como é de conhecimento geral, constitui um contributo importante para a História do Papel, fornecendo dados importantes sobre os fabricantes, os moinhos e as fábricas de papel, e abrindo perspectivas de análise complementares e até determinantes para a área da História Económica.⁶ A vertente interdisciplinar deste projecto está na origem da sua concepção, ou seja, no encontro entre a minha pesquisa de pós-doutoramento - que visa estudar a presença e a actividade de mercadores italianos em Portugal- com a dos investigadores da História do Papel.

Ao contrário do que se verifica na historiografia europeia, em Portugal os estudos sobre marcas de água são recentes e dispersos. Depois da edição de *O papel como elemento de identificação*, publicada em 1926, por Ataíde e Melo, o tema, só ocasionalmente, tem sido abordado em contributos muito dispersos no tempo, e, frequentemente, através de metodologias desajustadas a uma investigação que se pretende integrada na História do Papel, já que só assim ganha contextualização e sentido. Recentemente, o projeto de investigação e sequente publicação com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, do estudo de Maria José Santos, *Marcas de Água: séculos XIV-XIX. Coleção TECNICELPA*, abriu perspectivas diferentes (e actuais) a nível da classificação de marcas de água, introduzindo propostas de metodologias aplicáveis de forma sistemática, a outras iniciativas similares.

No entanto, nesta obra, pelas características do acervo em estudo, não foram abordadas questões técnicas relacionadas com o registo de marcas de água, uma vez que aquele trabalho incidiu sobre os resultados de um levantamento que havia sido realizado no passado, mais precisamente entre 1988 e 1992. Todavia, se no passado a recolha de marcas de água (em documentos avulsos ou em livros impressos) era feita, quase exclusivamente, através do decalque directo, actualmente, o recurso à fotografia digital com luz transmitida constitui um método de trabalho mais rigoroso e menos invasivo a nível da conservação do próprio papel. Por outro lado, enquanto que na recolha de marcas de água, a utilização de uma mesa com tampo de luz pode ser suficiente para o registo fotográfico de documentos soltos, na recolha de marcas de água em códices ou em livros impressos o recurso a um equipamento de fibra óptica mostra-se o mais adequado, uma vez que a flexibilidade da lâmina de luz fria permite um registo de grande definição da imagem.

6 Nesse sentido, o projecto que aqui se apresenta foi alvo de atenção por parte de investigadores do grupo de investigação por mim coordenado “Economias, agentes e culturas mercantis” que mantêm ligações estreitas com o arquivo da família Salviati de Florença. Em 1462 uma das companhias do grupo abriu uma filial em Lisboa, que haveria de perdurar até 1475. A filial de Lisboa estava directamente ligada a unidades de produção de papel na região toscana de Colle di Val d’Elsa e sabe-se, através dos registos de contabilidade da empresa, que muito desse papel foi exportado para Lisboa na segunda metade do século XV [BERTI, 1994]. O levantamento das marcas de água constantes dos livros de contabilidade da filial lisboeta e daquelas que se poderão encontrar em fundos arquivísticos portugueses que contenham documentação em papel permitiria fazer um estudo revolucionário, uma vez que se poderiam cruzar os dados da produção, do comércio e da circulação/consumo.

O fundo arquivístico da família Salviati inclui mais de 1700 livros de contabilidade dos séculos XIV a XVIII e passou, há 30 anos, para a tutela da Scuola Normale Superiore de Pisa.

Nos casos em que por razões decorrentes do estado de conservação da folha de papel ou da tinta, não for possível obter uma fotografia de qualidade, pode-se completar o registo fotográfico com um segundo levantamento, feito por decalque a partir da fotografia, com recurso a uma mesa digitalizadora e a um programa de desenho digital vectorial.

Foi precisamente nesse sentido, na utilização de novos recursos, que reside a inovação do projecto que foi apresentado, em 2016, à Fundação Calouste Gulbenkian aproveitando a abertura do concurso de apoio à investigação. Intitulado *Marcas de água do acervo documental da Igreja de Nossa Senhora do Loreto, em Lisboa: séculos XVI e XVII*, o objectivo do projecto é o de efectuar uma recolha de marcas de água dos documentos dos séculos XVI e XVII existentes no arquivo da igreja de Nossa Senhora do Loreto de Lisboa feita de acordo com os normativos da International Association of Paper Historians (IPH) e utilizando as tecnologias actuais para o seu levantamento e reprodução. A documentação escolhida para o efeito é composta por acerca de 2000 folhas avulsas e alguns livros. A recolha e classificação de marcas de água será feita tendo em conta as normas propostas pelo IPH e na sua descrição é utilizada a terminologia proposta pelo Vocabulário Bernstein (*Watermark-Terms. Vocabulary for Watermark Description*), que constitui um recurso complementar às propostas do IPH, promovendo uma linguagem coerente, específica e colectiva no que diz respeito aos termos usados pelos diferentes investigadores na descrição das marcas de água.

O projecto, iniciado em Setembro de 2016, desenvolveu, até hoje, as seguintes tarefas:

1. Numa fase prévia, foi escolhida, dentro do manancial documental do arquivo, a documentação dos séculos XVI e XVII, conforme o projecto apresentado. Se o processo se revelou bastante simples no que diz respeito à documentação contida nos *Massos* (sic) pelo facto de estes estarem divididos por datas - dos 25 *Massos* presentes no arquivos, 3 enquadram-se nas datas balizadas neste projecto – foi necessário despender algum tempo para a escolha da documentação contida nas 28 caixas de madeira por esta estar catalogada por assunto e não por datas. Para além disso, os documentos dos *Massos*, principalmente fólios e bifólios, contendo cartas, recibos, gastos, lista de despesas várias, apresentam um manuseamento simples e, portanto, um fácil levantamento das marcas de água. Diferente é a situação dos documentos das caixas de madeira. O facto de serem documentos compostos por muitas folhas - em alguns casos mais de 100 folhas – e apresentando um estado de conservação mais delicado por serem documentos mais antigos, obrigou-nos a tomar algumas medidas, cuidados e, conseqüentemente, a definir processos diferentes de levantamento das marcas de água.
2. Uma vez identificada a documentação, procedeu-se à verificação da presença de marcas de água nos documentos seleccionados. Foi utilizado, para isso, um equipamento de fibra óptica - modelo comercializado pela Neschen, denominado FOLS-Fibre Optic Light Sheet - que, sem produzir estragos nos documentos mais antigos e mais volumosos, nos permitiu agrupar rapidamente os fólios que iriam ser tratados no levantamento.



Fig. 3 Equipamento de fibra óptica FOLS

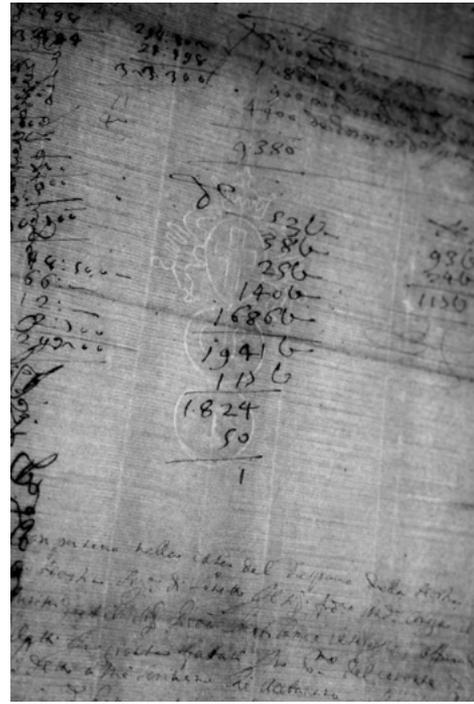


Fig. 4 Marca de água

3. Para possibilitar a visibilidade da marca de água e proceder-se ao seu registo fotográfico, a folha de papel foi colocada sobre uma mesa de luz com suporte para uma câmara digital que nos foi oferecida pela empresa de animação Animanotra Portugal. A câmara digital foi colocada no respectivo suporte, apontada para baixo, de forma a não existir inclinação.

Foi colocada uma régua, posicionada na vertical, a cerca de 1cm do pontual mais próximo da marca de água, à direita desta. O zero da régua foi alinhado com a parte inicial da marca de água para permitir uma leitura rápida da sua dimensão. A colocação desta régua permite também que a contagem do número de vergaturas (num espaço de 2cm) possa ser feito posteriormente, a partir da fotografia, com vantagens de visualização e contagem.



Fig. 5 Mesa luminosa e suporte



Fig. 6 Marca de água

4. Foi elaborada, pela consultora científica deste projecto, Dra Maria José Santos, uma ficha de registo de marcas de água, tendo também feito a formação necessária para clarificar toda a informação específica para o seu preenchimento.

De acordo com as Normas Internacionais estabelecidas pela International Association of Paper Historians (IPH) foram definidos campos distintos de preenchimento, respeitantes à identificação e tipologia do documento, às características do papel, à especificidade da marca de água e da contramarca, no caso de se tratar de um bifólio, à recolha dos dados sobre a contramarca de campo, caso existente, e à classificação e descrição das marcas de água.

Ficha de Registo de Marcas de Água

Reg. da M.A.

1. DOCUMENTO

Livro Caderno Impresso Manuscrito Folha de guarda Folha envolvente Avulso Outro

Título Vol(s)

Autor/Outros

Impressor Local Ano Datável N.º de folhas /fólios

Arquivo/Biblioteca Cota

2. PAPEL

Manual Industrial C/ barbas Aparado Cor Espessura Conservação Tipo

Formato Fólio Bifólio Infólio Inquarto Outro Dimensão da folha x Papel Velino Avergado C/vergatura C/pontuais

N.º de vergaturas em 2cm N.º de pontuais Zonas de sombra Sim Não Junto aos pontuais Irregulares

Distância entre pontuais Pontuais Simples Duplos

Fig. 7 Ficha descrição (frente)

3. MARCA DE ÁGUA

Clara Escura Clara/Escura Dupla Múltipla Cortada Fragmento

Reg. da M.A.

Reg. da M.A.

Fólio da Esquerda

Fólio da direita

Centro do fólio

Motivo principal Dimensão da M.A. x

Motivo principal Dimensão da M.A. x

Distância da M.A. aos bordos da folha ← → ↑ ↓

Distância da M.A. aos bordos da folha ← → ↑ ↓

Distância da M.A. ao pontual + próximo ← → N.º de pontuais portadores

Distância da M.A. ao pontual + próximo ← → N.º de pontuais portadores

Posição da M.A. no fólio Centro Sup. Inf. N.º de M.A. idênticas no doc.

Posição da M.A. no fólio Centro Sup. Inf. N.º de M.A. idênticas no doc.

4. CONTRAMARCA DE CANTO

Motivo Dimensão x

Canto superior esquerdo Canto inferior esquerdo Canto superior direito Canto inferior direito

Localização

Obs.

Data

Rubrica

Fig. 8 Ficha descrição (verso)

No que respeita ao estado actual do trabalho, está concluído o levantamento fotográfico de toda a documentação previamente preparada, e a recolha das marcas de água está a alcançar um número significativo como se pode depreender por alguns dados ainda provisórios:

O Masso I (1623-1689) contém 603 documentos dos quais 372 têm marcas de água.

O Masso II (1681 a 1700) é composto por 636 documentos dos quais 453 têm marcas de água.

Do Masso III (1660-1707) foi considerado apenas o fascículo I por se balizar nas datas escolhidas pelo projecto. Este fascículo é composto por 271 documentos dos quais 143 têm marcas de água.

No que diz respeito à documentação recolhida nas caixas de madeira o número de marcas de água é de 854. É ainda de ter em conta que este último número diz respeito a marcas de água que foram seleccionadas em documentos constituídos por centenas de fólios com a mesma marca de água.

Está em curso a descrição de cada uma das marcas de água fotografadas e, neste momento, contamos com cerca de 700 fichas preenchidas. Estas fichas, como se explicará noutra momento deste mesmo Congresso, estão a ser utilizadas por Henrique Tavares e Castro e Maria Manuel Lares que se encarregam de efectuar a classificação das ditas marcas e irão escolher as fotografias para o desenho vectorial, cuja realização é efectuada com o auxílio de uma mesa digitalizadora luminosa ligada directamente ao computador através de um software de tratamento de imagem. O modelo da mesa digitalizadora WACOM INTUOS ART M inclui função multi-toque, o que permite usar gestos comuns para aplicar zoom, girar, deslocar a sua ilustração e clicar nos seus aplicativos. É constituída por uma superfície plana sobre a qual o utilizador pode “desenhar” uma imagem usando um dispositivo semelhante a uma caneta, denominado “stylus”, desenhando-se apenas o que é visível na marca de água.



Fig. 9 Mesa Digitalizadora

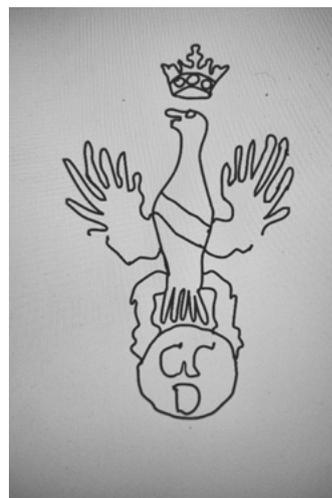


Fig. 10 Resultado desenho vectorial

4. Conclusões

O acervo documental do arquivo de Nossa Senhora do Loreto representa, sem dúvida, um importante e ainda inexplorado património para o estudo e aprofundamento das relações luso-italianas nas suas vertentes mais alargadas. Como já adiantámos, a variedade de abordagens que permite, torna-o numa ferramenta de trabalho preciosa no âmbito de investigações de história económica, social, do património e da genealogia. A dificuldade em consultar o dito acervo por parte dos investigadores estava ligada a razões de segurança e a razões ligadas à falta de um inventário que pudesse orientar a pesquisa. Nesse sentido, esta lacuna foi preenchida graças ao financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian que possibilitou a divulgação online do inventário e de parte da documentação.

No que diz respeito ao projecto em curso, este representa, de facto, uma inovação a nível técnico no âmbito do estudo das marcas de água, em Portugal. A sua importância primeira reside no facto de constituir um projecto original, no nosso país, enquanto promotor de técnicas e metodologias que podem ser aplicadas, na sua totalidade, a outros projectos desta tipologia. Por ser um projecto inovador, muitas dúvidas atravessaram o caminho e foi dedicado algum tempo na escolha dos procedimentos mais adequados. Acreditamos que os resultados deste projecto de investigação serão de grande significado para a historiografia do papel e das marcas de água, em Portugal, e que o alcance de uma projecção internacional esteja assegurada uma vez que os resultados do projecto serão inseridos no portal Bernstein cujo principal objectivo é a difusão de práticas similares nos processos de recolha de marcas de água e de critérios de uniformização a nível da sua classificação e descrição. Já foi contactado o coordenador do projecto The Memory of Paper, Emanuel Wenger que aceitou a proposta de inserção desta nova colecção/base de dados no Portal Bernstein, de forma a proporcionar uma maior divulgação deste acervo de marcas de água da Igreja de Nossa Senhora do Loreto.

Finalmente, não posso deixar de agradecer a equipa de jovens que, com entusiasmo, trabalham neste projecto: a Sebastião Santana que fez o levantamento fotográfico das marcas de água e procedeu ao tratamento das imagens reproduzidas no presente texto e a quem cabe, também, a tarefa do desenho vectorial. Por fim, agradeço a Chiara de Oliveira e a Maddalena Cultrera que trabalham no preenchimento das fichas de descrição das marcas de água.

BIBLIOGRAFIA

- ABULAFIA, David, “Gli Italiani fuori d’Italia”, in Gabriella Airaldi (a cura di), *Gli Orizzonti Aperti. Profili del Mercante Medievale*, Torino, Scriptorium, 1997, pp. 175-198
- ALESSANDRINI, Nunziatella, “A alma italiana no coração de Lisboa: A Igreja de Nossa Senhora do Loreto”, in *Estudos Italianos em Portugal*, 2007, n.2, pp. 163 – 184
- ALESSANDRINI, Nunziatella, *Os Italianos na Lisboa de 1500 a 1640: das hegemonias florentinas às genovesas*, Tese de Doutoramento, Universidade Aberta, Lisboa, 2009, 2 vols.
- BERTI, Marcello, “Le aziende da Colle: una finestra sulle relazioni commerciali tra la Toscana ed il Portogallo a metà Quattrocento”, in *Toscana e Portogallo – Miscellanea storica nel 650° anniversario dello Studio Generale di Pisa*, Pisa, ETS, 1994, pp. 58-106
- FILIPPI, Sergio, *La Chiesa degli Italiani. Cinque secoli di presenza italiana a Lisbona negli archivi della Chiesa di Nostra Signora di Loreto*, Lisboa, Fábrica da Igreja de Nossa Senhora do Loreto, 2014
- SANTOS, Maria José Ferreira dos, “Marcas de água e história do papel: a convergência de um estudo”, in *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, Lisboa, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 2014.
- SANTOS, Maria José Ferreira dos, *Marcas de Água: Séculos XIV-XIX. Coleção Tecnicelipa*, Santa Maria da Feira, TECNICELPA – Associação Portuguesa dos Técnicos das Indústrias de Celulose e Papel e Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2015
- SCARAFFIA, Lucetta, *Loreto*, Bologna, Il Mulino, 1998